

## SISTEMA POLÍTICO

# Siglas demais seriam falência

SONIA FIORI  
DA REDAÇÃO

Consultor e professor de marketing político em São Paulo, Eduardo Negrão aponta “vantagens e desvantagens” de se ter 32 partidos constituídos no Brasil. Resultado disso é que o país acaba de ser alçado à liderança mundial da “fragmentação partidária”, posto alcançado após a criação das mais novas agremiações, o Solidariedade e o Pros, em outubro deste ano. A nova estrutura partidária assegura na Câmara dos Deputados 11 partidos com bancadas consistentes e 21 de menor expressividade. O SDD, com 22 parlamentares e o Pros, com 17 deputados federais, se sobressaem na escala do “peso” no Congresso. Para Negrão, esse cenário denota a falência do sistema político, e uma profunda inoperância das legendas enquanto instituições partidárias, dadas as devidas projeções negativas a Mato Grosso.

A análise destaca um quadro piorado a partir das mudanças das normas eleitorais, com aval da Justiça Eleitoral. Negrão se refere mais especificamente a 2011, quando o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) validou o registro do PSD, idealizado pelo ex-prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab. “Na criação do PSD abriu-se uma janela para criar um partido e começou aí outra mudança, com a participação garantida no tempo de TV e direito ao fundo partidário.

Antes de 2011, valia o resultado das eleições, ou seja, partido sem representação na Câmara dos Deputados não teria direito a essa participação ampliada”, explicou.

O consultor observa que as mudanças na legislação permitiram “certo conforto” para que parlamentares donos de mandato eletivo deixassem os partidos pelos quais foram eleitos, migrando para a nova legenda livres das sanções da infidelidade partidária. As facilidades para criação de novos partidos são tantas, que

em São Paulo, o advogado Marcílio Duarte recebe a pecha de “grande articulador” por ter arregimentado apoio para criação de seis legendas.

“Ele (Marcílio) nem mesmo conseguiu ser eleito até hoje, mas consegue criar partidos numa sequência que chama a atenção. Os partidos nascem fortes como o SDD e o Pros, que podemos dizer tem um porte médio. Os eleitos deixam os partidos que os elegeram, então, entre aspas, traíram os eleitores. Os novos partidos terão direito a tempo de TV, e mesmo que seja pouco, pode significar muito para outras legendas, com projetos mais sólidos. Nesse contexto é que podem surgir as negociatas. Hipoteticamente, poderiam usar de má fé”, dispara.

**QUANTO MAIS MELHOR** - A tese do “quanto mais melhor”, referente a quantidade de siglas, é criticada por Negrão: “Quem pensa assim deve morar nesse país em que todos são honestos. É o Disney Brasil, mas na prática, muito danoso”. Acentua que o quadro “generoso” relativo ao número de partidos existentes hoje no país, sugere uma reconstrução do sistema, que só poderá ser assegurado com a evolução da qualidade do ensino nas escolas.

**MATO GROSSO** - O Estado de Mato Grosso é o retrato, para o consultor, de mais uma unidade federativa marcada pelo freio da falta de coerência política, como ocorre na maioria das unidades federativas. “Quando ouvimos falar de Mato Grosso são notícias na maioria das vezes, de cunho negativo, ressalta-

Segundo o professor de marketing político Eduardo Negrão, mudanças na legislação permitiram “certo conforto” para que parlamentares donos de mandato eletivo deixassem os partidos pelos quais foram eleitos sem punição

das com tópicos como o mensalão (referência ao deputado federal Pedro Henry, condenado no episódio do mensalão), além de outros. Negrão acredita que o caminho a ser percorrido para a conversão da essência política, pode não estar contemplado na Reforma Política. “Aposto todas as minhas fichas na educação, que pode formar brasileiros mais conscientes”.



■ Negrão alerta para o “casuísmo” dos que migram para novos partidos

Assessoria



Blairo Maggi, por exemplo, começou pelo PPS, em vez de ir direto para uma grande sigla

Omar de Oliveira

## FILIAÇÃO

### Novos nomes buscam os menores

SONIA FIORI  
DA REDAÇÃO

A forte influência partidária de famílias tradicionais de Mato Grosso, naturalmente, impede o surgimento de novas lideranças, tentado manter as ações sob a tutela dos intitulados “coronéis” da política. Nesse panorama, tanto siglas quanto políticos veem no surgimento de novas legendas a possibilidade de também se tornarem “chefes supremos”. A história política de Mato Grosso não se ressentiu desses fatos, tanto que estão aí os “Bezerras”, os

“Campos”, os “Oliveiras”, os “Pinheiros” e outros que permanecem há décadas na condução das políticas partidárias e dos mandatos.

Estes fatos levaram novas lideranças políticas a procurar partidos menores, vide Blairo Maggi (PR), que começou pelo PPS; Valtenir Pereira (ex-PSB), que sempre pertenceu a partidos pequenos para não enfrentar autoridade dos ditos mandatários. Esse cenário ainda se aplica a outros como o ex-prefeito tucano Wilson Santos. Ele peregrinou em sua carreira política por vários partidos

(PDT/PMDB/PSDB), incomodado pela sombra de líderes maiores como o ex-governador Dante de Oliveira.

Os mais recentes partidos criados no Estado são o Solidariedade, presidido pelo deputado Adalto de Freitas e o Pros, sob o comando de Valtenir; todos políticos da nova safra que tentam ao trocar de legenda, assumir a condução política do processo eleitoral para suceder os ditos caciques. Influenciados pela disputa nacional, a criação de partidos se tornou uma válvula de escape literalmente.

# SEM CONCURSO PÚBLICO!

## GOVERNO DE MT quer TRANSFORMAR 223 servidores administrativos em Fiscais de Tributos Estaduais

- Mais uma dívida trabalhista de 210 milhões?
- Quais deputados vão concordar com isso?



www.sinfate.org.br  
facebook/SinfateMT